

Crónicas do meu jardim

Ó xô tritom, xóbe ó num xóbe?



As chuvas de outono são uma bênção para os solos ressequidos pelos longos meses de estio. Quando chegam, aliviam bichos e gente e assinalam a chegada dos dias húmidos e curtos de inverno. Ora, dias húmidos são noites plenas de anfíbios que parecem, misteriosamente, antever os períodos de chuva. Talvez porque deles dependam para retomarem os seus ciclos de vida que o calor do verão suspendeu ou apenas porque a natureza os dotou de "sensores" meteorológicos. Seja como for, é nessas alturas que os anfíbios, nomeadamente os pequenos tritões-marmorados, emergem dos esconderijos e encetam os movimentos migratórios rumo aos nossos charcos de jardim em busca de parceiros, mesmo que durante o caminho se tornem objeto de curiosidade científica de um certo jardineiro com mania de herpetólogo meteorologista.

Texto e fotografia

Carlos Steinwender
cronicasdomeujardim@sapo.pt

Há quem gaste o tempo em coisas inúteis – alcançar a paz mundial, descobrir novos medicamentos, acabar com a dependência dos combustíveis fósseis, etc. – e depois há aqueles, pouquíssimos, que devotam a sua vida às verdadeiras conquistas civilizacionais, às grandiosas causas da Humanidade, aquelas que se hão de memorar para a eternidade através dos compêndios de História que toda a gente tem na prateleira lá de casa, mas ninguém lê. É o caso do mais recente progresso em matéria de previsão meteorológica *High-tech* que tenho vindo a desenvolver e que consiste em prever a precipitação à escala 1/100 com base nos padrões de movimentos da ponta da cauda do tritão-marmorado macho nos dias ímpares das segundas semanas dos meses de outubro a dezembro de cada ano bissexto. Ora aí está, finalmente um contributo válido para a civilização. Vai chover hoje, Dr. Steinwender? «*Ora bem, como hoje é dia ímpar da segunda semana do mês de novembro do ano bissexto da Graça de Nosso Senhor, vou ali ver como é que o tritão macho está a abanar a ponta da cauda no meu charco e já volto*». Cá esta, ciência de ponta. Neste caso, da cauda.

Mas a minha especialização em matéria de previsão

meteorológica recua à minha infância.

Enquanto criança, habituei-me a ver o meu pai mirar o horizonte poente pintalgado de nuvens plúmbreas desmaiando sob a luz do ocaso, e atestar, com a convicção de quem já lera o céu um milhão de vezes, «*rapaz, amanhã vai chover!*». E chovia. Mesmo quando a minha alma duvidava ante o céu azul que soçobrava. Se o meu pai dizia que chovia, então chovia. Confiava mais nele que na senhora da meteorologia que no final do telejornal adivinhava o tempo à frente de uma carta sinótica onde um tal de anticiclone dos Açores era culpado de quase tudo. Por isso, quando tocava às previsões do tempo para os próximos dias, limitava-me a perguntar ao meu pai. «*Pai, amanhã vai estar sol?*», «*rapaz, chuva no São Mateus é água até ao Menino de Deus*». Certo. «*Pai, amanhã vai chover?*», «*rapaz, lua nova trovejada trinta dias é molhada*». Naturalmente. E assim, de adágio em adágio fui afinando a minha formação em matéria de antevidência meteorológica ao ponto de me tornar exímio em algumas áreas específicas do prognóstico. Por exemplo, descobri que sempre que a laringe da minha progenitora emitia sonoridades improprias em assinaláveis decibéis exaltando a minha crónica inaptidão para

Figura 1 A dieta do Tritão-marmorado consiste em larvas de insetos aquáticos, caracóis, lesmas e minhocas.



Figura 2 Durante a fase terrestre, o Tritão-marmorado apresenta atividade noturna, passando os dias oculto sobre pedras ou troncos.



as atividades de cariz doméstico, havia fortes probabilidades de precipitação nos minutos seguintes: eu precipitava-me porta fora e a minha mãe precipitava-se atrás de mim. Também me apercebi que o outono era propício à prática de atividades meteorológicas de caráter experimental tendo por base a *Teoria dos Reflexos Condicionados*. Sempre que passava a tarde a apanhar as folhas no terreiro, invariavelmente o dia seguinte trazia chuva e vento. Como reflexo, eu soltava um chorrilho de imprecações cuidadosamente selecionado do meu abundante léxico calão, facto que imediatamente era condicionado pela senhora minha mãe com uma recompensa na zona das nádegas. O que é que os canídeos viram no método do senhor Pavlov ainda hoje é um mistério para mim. À medida que o tempo foi passando, por alturas da puberdade plena, que é sempre uma boa altura para entregar a ebulição hormonal ao cuidado da ciência em vez de a deixar nas mãos da bela Carolina do 12º B, inspirei-me nos augures romanos, mas sem a parte da destripação da bicheza, para adotar o

mundo natural como carta sinótica onde tudo se prevê, assim se saiba atentar. Por exemplo, era capaz de determinar, a partir da velocidade e ângulo das asas das andorinhas-das-chaminés nos voos rasantes ao longo da minha rua nos dias sufocantes de maio, qual o número de voltas que a dona Maria, a vizinha da frente, teria de dar ao campo para enxotar as galinhas de volta para a capoeira antes de o céu se abrir em bátegas inclementes. Afinei de tal modo estas

Figura 3 Na época de reprodução, que decorre na água, os machos desenvolvem uma crista vistosa que se prolonga ao longo do dorso até à ponta da cauda.





Figura 4 Durante as noites de chuva, os tritões podem ser observados emergindo dos seus locais de abrigo para caçar.

leituras do tempo meteorológico que alcancei um patamar de excelência, falhando apenas 74 em cada 75 previsões! E agora stôra Ermelinda, quem é que se sente mal por ter chumbado o menino Steinwender a matemática? Quem é?

Mas o ponto de viragem na minha ascensão meteórica no mundo da meteorologia chegou no dia em que, por mero acaso, como tantas vezes acontece em matéria de progresso científico, a resposta a todas as perguntas entrou pela porta lá de casa deixando tudo em estado de sítio. Tal como eu quase previra no dia anterior, estava a chover – «*amanhã vai chover, Carlitos*», «*não mãe, amanhã vamos ter sol, porquê?*», «*preciso*

de estender a roupa», «*podes estender à vontade, se chover como a minha boina*» – por isso, enquanto degustava a minha boina com sabor a traça, a minha mãe decidiu encetar um número bastante curioso de malabarismo equilibrando habilmente em ambas as mãos um número de pratos assinalavelmente superior ao recomendado, enquanto saltitava e gritava «*bicho, bicho, bicho*». Fui ver, e antes que o número acabasse em cacos removi a razão da agitação que se acoitava junto das cadeiras. Tratava-se de um tritão-marmorado, um pequeno anfíbio com pouquíssima vocação culinária, pelo que deduzi logo ali (a dedução é relativamente inata em mim), que se o bicho não viera para se imolar na frigideira, certamente que virara na curva errada, vindo parar à cozinha por erro de navegação. Devolvi o pequeno animal ao quintal, onde uma enorme vasilha de barro enterrada fazia de charco para as rãs e berçário para as larvas das salamandras e dos tritões, e regressé para meditar sobre tão insólita ocorrência enquanto tentava remover o sabor a traça da boca. Estávamos em novembro, e em novembro, aparentemente, era normal o senhor anticiclone dos Açores mandar chover para estas bandas, isto apesar de as minhas previsões apontarem



Figura 5 O tritão-marmorado tem a cabeça achatada, focinho arredondado e olhos proeminentes. A pele é granulosa com manchas verdes.

sistematicamente tempo de praia. Certo. Claramente alguma coisa não estava a correr bem para os lados do canal de meteorologia do Steinwender. Foi preciso mais uns quantos dias de chuva, mais uns quantos números de circo por parte da minha progenitora sempre que eu era forçado a remover o teimoso tritão do chão da cozinha, para que, num instante de lucidez, a epifania me acertasse em cheio na cara. Doe bastante porque a epifania veio sob a forma de um prato de barro que se escapou de um dos números de malabarismo, mas para além de me abrir o sobrolho, abriu-me a mente: o tritão era a chave para a previsão do tempo.

E foi assim que revolucionei o universo das previsões meteorológicas. «*O quê? Antecipar o tempo atmosférico através do comportamento dos anfíbios uma vez que estes seres estão profundamente dependentes da humidade para se deslocarem e reproduzirem e conseguem, por isso, antever os dias de chuva? Vanguardista!*». Ao pé deste novo conceito, a Teoria do Caos era uma brincadeira de crianças. Nada de satélites, nada de modelos computacionais, aqui era só o jovem Steinwender de nariz no chão à procura de ler os anfíbios. Admito que o processo foi longo e teve os seus altos e baixos. A pós-

graduação em *Teoria de Rusck* aplicada à tipologia de saltos do sapo-comum revelou-se um beco sem saída. Da mesma forma, o mestrado focado na contribuição da *Teoria da Similaridade de Monin-Obukhov para o entendimento dos padrões de dispersão diurna das salamandra-de-pintas-amarelas* acabou em fracasso. Mas como diz o meu Pai, «*rapaz, em dia de São Matias, começa as enxertias*», por isso, 20 anos depois de ter dado início à etapa de autodoutoração, e já no sossego do meu próprio lar, mirando o tempo lá fora – «*será que chove? É capaz de orvalhar. Ou será que é o sol que vejo ali?*» –, e quando tudo parecia perdido e o fracasso e a desonra meteorológica de toda a rua ameaçavam abater-se sobre a família Steinwender, eis que enxertei um novo caminho científico, juntando no mesmo objeto de estudo a Lei de Beer, a sandes de torresmos e o pequeno tritão-marmorado. Resultado? Uma forte sensação de aconchego na zona ventral e, a avaliar pelas quase duas páginas e meia de dados quase fiáveis em quase três noites de trabalho junto dos tritões do meu charco, a quase certeza de quase vir a ser nomeado para um prémio quase Nobel. Obrigado senhor tritão-marmorado, agora faça o favor de abanar a cauda que quero saber se amanhã neva ou posso ir à praia.

Olhó tritão que é marmorado e molhadinho!

O tritão-marmorado ou marmoreado é um urodelo de tamanho médio, até 16 cm de comprimento, da família *Salamandridae*, cuja designação científica – *Triturus marmoratus* – se deve à evocação de *Triton*, nome latino de Tritão, o deus marinho filho de Poseidon e Anfitrite, e à particularidade morfológica desta espécie que reside na presença de manchas e padrões característicos em diferentes tons de verde nos adultos. Com um ciclo de vida repartido entre o meio aquático, na fase larvar, e o meio terrestre, na fase adulta, o tritão-marmorado continua a depender da existência de massas de água parada para se reproduzir já que é aí que as fêmeas depositam entre 200 a 400 ovos enrolados individualmente nas folhas de plantas aquáticas. Durante a época de reprodução (outubro a maio), o macho desenvolve uma crista ao longo do dorso cortejando as fêmeas com movimentos ondulatórios e persistentes da cauda. Quando ameaçado, estica os membros posteriores e a cauda é erguida e balançada de um lado para o outro. Em Portugal existe uma outra espécie similar, o tritão-marmorado-pigmeu (*Triturus pygmaeus*), circunscrito à região a sul do Tejo e à faixa litoral até Aveiro.

